

VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

32-sabado-52

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

58000
105000
205000

PROVÍNCIAS

Semestral
Anno
Aviso

115000
215000
15000



"Porque te cobriste de luto, queridinha?
"Dizias vivir-me coberto de galas, no momento em que Rose
abandona o Rio de Janeiro?"

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 5 de Agosto de 1871.

Será isto uma chronica?

Não sei; porém creio plenamente que não é.

A chronica deve ser uma como revista dos acontecimentos mais notáveis, uma especie de consignação dos factos consumados, que mais prenderão à atenção publica nos ultimos dias que a precederão, uma resenha, enfim, dos sucessos com seus competentes comentários.

Para escrever chronica fôr-me preciso falar não só na já madura proposta do governo sobre o elemento servil, como tambem nas desnaturalizações dos brigadiers Fideis, e de outros brigadeiros mais ou menos brigadios, que lá andam pelo Rio da Praia qualificando suas lances contra os blancos e contra o artigo 7º. § 2º. da Constituição do Imperio.

Fôr-me outrossim necessário mencionar, com acompanhamento de considerações robustas, o relevante serviço prestado pelo Sr. Director do Corpo de Bombeiros na extinção do incêndio de uma barreira de carvão, na rua da Quitanda, numero 170, pelas dez horas e tres quartos da noite de 26 do corrente.

E também não deixar de entar um hymno a saceró em louvor do Sr. Salvador de Mendonça pola perigrina carta que escreveram ao Sr. Machado de Assis, em resposta a outra que o mesmo Sr. Machado de Assis lhe havia escrito a respeito do tragico ERNESTO ROSSI.

E ainda-mais:

Consigrar algumas inspiradas linhas na analyse da novissima (para nós) opera de Verdi — *A Força do Destino*, actualmente em cena no theatro da Rua da Guarda-Velha;

Por nas nuvens o Sr. Arnaud, por causa de escondido pessel, que contractou para o Alexzar em sua ultima viagem á Europa, pessel que de dia para dia vai despertando maior entusiasmo nos *habitues* d'aquele theatro;

E dizer coisas do arco da velha a respeito da jubilosa demonstração, feita pelos empregados brasileiros da estrada de ferro (ingleza) de S. Paulo, a favor dos Srs. Fox e Fry-r, e contra o administrador da província que os quis responsabilizar por um crime que não cometuerão.

Mas não tenho hoje tempo... nem geito para isso.

Faça, portanto, consigo cada um dos respeitaveis assinantes d'este heliodomadario as consignações que lhe ocorreram sobre os diversos topics actuais apontados.... e por esta vez contentemo-nos com isso.

Por minha parte apenas tangenciarei — muito de leve nos que se seguem:

As autoridades policiais, resolvendo olhar de perto as casas que dão dinheiro sobre penhores, declarão que no proximo mes procederão a exame nos livros e documentos pertencentes a essas casas.

Bravo! Muito bem!

Excellenté é a medida; seus effeitos não podem deixar de ser em extremo salutíferos, para as miseráveis victimas que...

Porém porque não se faz a causa completa?

Porque se fica em meio caixão?

Porque não se hão de tambem examinar os livros das casas que rendem dinheiro com juros capitalizados de quatro e cinco por cento ao mes?

Serão as de penhoras mais perigosas e nocivas do que estas?

Haverá n'ellas mais abusos do que n'estas?

Não o creio, e julgo, portanto, que bom seria estender a medida a todas, sem exceção de nenhuma.

Reclamo desde já toda a atençao do publico para a brilhante festa que, em beneficio da *Sociedade Amante da Instrução*, deve ter lugar no salão do Club Fluminense a 14º do corrente.

Se há grauins que me regem valiosa e decidida proteção, está n'esse caso a societade de que trato.

Os fins della recomendaria-nos: o programma do concerto, onde avultam os nomes dos amadores e artistas mais distinguidos do Rio de Janeiro; atrae: Além disso, a festa será honrada com a presença de S. A. Imperial e seu augusto esposo.

Não sei, que possa haver melhores incentivos á concurrencia publica.

Tinha ainda muito que dizer sobre politica; mas, por hoje, deixo esta senhora em santa paz, embora ella mostre mais do que nunca tendencias para pôr em guerra aberta todo o orbe catolico e protestante.

A de C.

Assumpto de varias cores

Do primeiro periodo das *operas* de Verdi; é "Nabucodonosor" aquella que maior nome lhe deu, no dizer dos criticos concorrentes. O "Hernani" trabalho posterior ao Nabucu, encerra talvez maior dosso de melodias populares e inspiradas, mas olhado á luz da verdade e da razão, não apresenta o enough filosófico de que tão abundantes provas se encontrão na *opera* a que Verdi deve a sua realisitation artística.

Nos *ensembles*, especialmente, houve regresso; e na parte *choral* do Eroean esqueceu o compositor as innovações feitas pela escola alemã e seguidas pelo proprio Rossini, para se encostar ás velhas usanças do sistema italiano, onde o côro não é, pela maior parte das vezes, mais do que um pretexto engenhosamente encenado para dar aos cantores o tempo de item re-freçar a gueia por traz da cortina. São ainda os criticos que assim fallão.

Cá por mim, embora entenda que a melhor musica é a que segura mais á risca a intenção do poema, e que uma *opera* não deve ser somente o complexo de phrases musicais, destinadas a acariciar o ouvido, mes-

mo em despeito do *sensu commun.* achei, outrora, como acho hoje no *Eruani*, trechos de beleza incontestável encarados quer pelo lado da filosofia quer pelo lado da inspiração.

O final "O sonno Carlo," e o *terzetto* "Ferma, crudel," pareciam-me estar nesse caso, e não só de música que melhor traluzisse a intenção de Victor Hugo italianizada pelo autor do *libretto*, que serviu de base ao trabalho musical de Verdi.

A aceitação que o nosso público dispensou sempre ao *Eruani* obriga todas as empresas líricas, que visitam o Rio de Janeiro, a fazerem exibição de ópera tão ao sabor das platéas.

Diversas interpretações tem visto o nosso público da ópera em questão, e diversos artistas tem alcançado louros cantando os trechos de que ella se compõe.

A companhia actual, reproduzindo a ópera de Verdi, satisfez os desejos que muitos titães de ouvir ainda esse *spartitello*, e se na execução, não conseguiu ir além do que já haviamos presenciado, confirmou ao menos a merecida reputação de que já gozam alguns dos seus artistas.

A Sra. Pasi cantou artisticamente a sua parte, e no terzetto final, sofrendo, arrancou aplausos sinceros pelo sentimento que infiltrou no seu canto, e pelo colorido brilhante que soube dar às phrases altamente dramáticas daquele inspirado trecho.

Ágora uma *puntatura*, no mesmo terzetto, que alegam ser de uma fala de despeito ao autor da música me parece pouca apropriadamente aos recursos do Sr. Ballariny, consegue este agrado a quantos o ouviram.

Ordinas disse com arte a cavalaria do primeiro acto, e na phrase final é raro il piangere, o donna poze a par dos melhores Silvas que entre nós tem estado.

O Sr. Mazzoni satisfez, até certo ponto, as exigências do público no *Niene noco, sol de rose*; mas não o acompanhou igual felicidade nos outros trechos da ópera.

Os coros houveram-se muito regularmente, e a *mise-en-scene* justificou o esmero que a empreza lírica emprega na pronta execução dos seus espectáculos.

Para dar maior veracidade a estes, compoz ultimamente o Sr. Poggiolosi um *décirissement*, onde M. Montero executou admiravelmente alguns passos difíceis, que mostram o crescente progresso da gentil bailarina na arte a que se dedicou.

Antes de largar o theatro italiano vou dar ao leitor uma boa novia.

Piêtro Ferranti, o Dulcamora por excellencia, o D. Pasquale mais festejado d'esta epocha, e o *Figaro* mais completo d'este mundo, acha-se de novo no Rio de Janeiro.

Deos queiro que a empreza lírica se lembre de chama-lo por algum tempo ao seu gremio, dando-nos, para alternar com o repertório d'ílio cothurno, algumas desses óperas *buffas* onde Fernani tanto se distinguiu outrora.

Rossi despediu-se do público fluminense a 31 do passado.

Cheia como um ovo — é a phrase de que me servirei para dar ao leitor uma idéa do aspecto da sala.

Fanatismo, píremesi, delírio, — eis as palavras que melhor classificam o estado moral de quantos enchiham os cantores e cadastrarão o theatro lírico.

Chamadas ao proscenio foram sem conta durante o espetáculo, e no fim mais de seis centos ramalhetes vieram calhar aos pés do grande artista, além de um riquíssimo *gatungam* de ouro e pedras preciosas, que lhe foi oferecido, em nome dos seus admiradores, de um dos camarotes do proscenio pelo Excm. Sr. Conselheiro Félix Martins.

A saída foi ainda *Enesmo* Rossi conduzido até sua residência ao som de música festiva, e ao clarão de arcos, fogos, campanetas, e ali entusiasmaticamente saudado pela multidão que o acompanhava.

Pra mijar a saudade que Rossi nos deixa, resta-nos a esperança de vê-lo ainda entre nós logo que S. M. o Imperador regresse a este Córrego.

Para satisfazer a curiosidade que muitas famílias tem de admirar as *duas bicas estrelhas* do papá Arnaud, resolvem este efectuar, segunda-féira proxima, no theatro lírico, uma brilhante representação em que ambas tomam parte.

M. Arnaud canta a sua proliecta *Filha do Regimento*; e M.ª Irma-Mariá fella o esp. *gatucado* com a *Cancão de Fortunio*, opereta de Offenbach.

So atendemos ao *fanatismo* que qualquer das sufragadas artistas tem despertado no público alcazarino, se a elas juntarmos as seduções de dois *spartittos* inspirados, e pensarmos que de uma cajadada podemos matar dois coelhos, vendo os dois astros a um tempo e pelo mesmo prego, não é preciso ser profeta para vaticinar a direção do theatro francês o mais brilhante resultado d'esi operação *extra-muros*.

Das officinas do estabelecimento musical de Arthur Napoleão & Narciso sahio, ha dias, nítida e elegantemente impresso o ultimo trabalho do distinto pianista Wagner. Deu-lhe o autor o título de *Fantasia brilhante sobre motivos do Guarany*, e, aproveitando habilmente os cantos mais originais da ópera de Carlos Gomes, conseguiu variar os de sorte a colocar o seu trabalho entre os primeiros d'este gênero. O canto dos *aymores*, a canção do *aventureiro* e o andante do duetto do 1º. acto entre Cécilia e Pery formam o grupo de trechos de que o Sr. Wagner lançou mão para nos provar que, como compositor, tem direito aos mesmos fôrmos, que a nossa sociedade, de há muito, lhe concedeu como executor.

Sob o título — *ANJO* — foi encenada a este redacção a poesia, que o leitor encontrará no lugar competente.

Sinto que o autor, por mal entendida modestia, talvez, envolvesse o seu nome no véu do mais insonável misterio.

AVIDA FLUMIXENSE



Aluga-se.

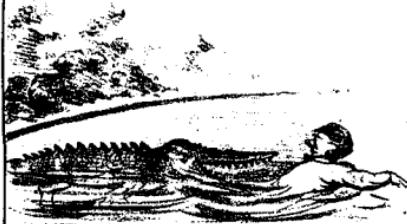
Por causa de uma flor,
História verdadeira, recheada de brincadeiras burlescas.
(Continuação)



Morokininho querendo fugir, daí
com a menininha em terras.



Mamede e a consorte, vendo a
filha no chão, correm e quebram.



Tulgando-se atacado, um dos jacarés
do lago persegue o jardineiro.



Mamede, para queimar o insulto
feito às júnioras de Morokininho,
da fúria põe fogo em Munimá.



Esta voa pelos arcos,



e vai cair na boca do jacaré o qual
se preparava para enolver o jardineiro.

Para que? Pode levar-se a crítica quando hellezas de incontestável mérito mostram que há talento real e decidida vocação para a arte que immortalizou "Dante, Cândido, Garrot, e Gonçalves Dias?

A pressa que a "Vida Fluminense" se deu em publicar a poesia, de que trata este trecho da minha cronica, deve provar ao cavalheiro que no-la enviou o prazer que sempre teremos em dar cabida na nossa folha a escriptos seus.

As columnas deste semanario ficão, portanto, à sua disposição.

Effectua-se amanhã, pelas 8 horas da noite, no vasto salão do Club Mozart o concerto à emulação promovido pelo Sr. Ricardo Ferreira de Carvalho.

A initativa de outro que o distinto professor outrora promoveu no recinto d' aquela sociedade, é a entrada gratuita, e no programma só figuram peças executadas pelas suas discípulas.

São de grande utilidade estes concertos. Além de desenvolverem cada vez mais o no gosto musical, concorrem muito para que entre as nossas jovens pianistas se manifeste em alta escala o desejo de rivalizarem entre si. E da rivalidade nasce quasi sempre o amor ao estudo assiduo, qualidade essencial aquem desejosa tornar-se perfeito em qualquer arte.

Na brillante pleia de maduras, que tomam parte no concerto de amanhã, há vocações legítimas, que, intelligentemente guiadas pelo Sr. Ricardo Ferreira, mostram de quanto valem os conselhos de um mestre, digno de tal nome.

Não ha um só lugar disponivel para a representação d'esta noite, na Phenix.

O prestígio de quo gozam os nomes de Misquita e França Junior, levou os admiradores do festejado maestro e do fecundo autor dramático, a comprarem d'antemão todos os bilhetes d' ingresso.

Se o exio de operetta corresponder à expectativa geral (o que não é certo duvidar) o futuro da Phenix fica por muito tempo garantido.

A. de A.

As margaridas

Viu-se, há alguns annos, em um dos pequenos theatros de Pariz, uma actriz moça e bonita, conhecida pelo nome de Lazarina.

Seria esse seu verdadeiro nome?

Ninguem o sabia tão certo; mas também ninguém se animava a perguntar-lho. Com elle se havia estreado em sequa; com elle havia sido feliz: era quanto bastava.

Como os passaros só deixão depois de sua passagem a lembrança suaveza de seus maviosos cantos, as actrizes brilhão e desaparecem sem que se saiba, na maiorias das vezes, donde vieram e para onde forão.

No época em que começou esta narracão tinha Lazarina atingido sua maioridade.

Havia já dous a tres annos que representava, e sua

reputação começava a correr pelas províncias nas ozas dos folhóis.

Lazarina não tinha por si só a beleza; tinha também o espírito e o talento. Não precisa dizer mais para que lheim todos convencidos que não lhe faltavão adoradores.

Mas Lazarina era, lá a seu modo, uma rapariga como não ha muitas. Se tinha duas de apaixonados, não se lhe apontava nem um protector; e suas collegas erão as primeiras a confessar que ella vivia muito tranquilla e ralizada.

Lazarina fazia diariamente o trajecto de casa para o teatro e vice-versa, acompanhada sempre por sua mãe, bon e inofensiva criatura, que fallava pouco e nunca elogiaava sua filha, como o fazem a todo o momento todas as mães de artistas. Pelo contrário, todo o tempo que Lazarina ensaiava ou representava, deixava-se ella ficar sentada em qualquer canto do teatro, borbulhando e cosendo, até que, ao primeiro sinal do seu filha, levantava-se, dobrava cuidadosamente sua costura ou seu bordado, e punha-se a caminho, para casa com a ligeireza que lhe permitia suas curtas pernas e seu corpo anafado.

Fosse qual fosse o tempo, Lazarina e sua mãe voltavão para casa a pé e sem serem acompanhadas por ninguem.

A jovem actriz usava com muita simplicidade. Seus vestidos erão constantemente de cores escuras. Seus unicos enfeites—mocidade e graca.

O interior da casa de Lazarina era, como seu trajar, limpo e simples. Apenas em seu quarto de dormir havia mais alguns objectos de luxo, tales como: pequenos quadros em delicadas molduras, uma escrivaninha de pau rose, um relógio de cima de mesa, e cortinas brancas com laços de fita azulclaro.

Tudo isto junto, porém, não valia cem luizes.

Não se pense pelo que fica dito que Lazarina não gostasse, como outra qualquer, de diamantes e sedas custosas; mas era tal seu amor pela independencia, que por ella tudo sacrificava.

Entretanto poucas pessoas erão tão francesas como ella.

Bastava haver-lho faltado tres ou quatro vezes para ter entrada em sua casa sem mais apresentação. Por isso erão continuas as visitas que recebia.

Quando Lazarina creava um papel novo no theatro, vião-se nas cadeiras uma duzia ou duas de moços, moços, louros, calvos, ou mesmo uns poucos grisalhos, que não perdido o menor dos seus movimentos e que aplaudiaião com inexcedivel frenesia.

Lazarina conhecia os todos do vista,... e por um numero de ordens.

Estando elle um dia bastente triste, perguntárdole:

— Que tens, Lazarina? Porque estás assim pensativa e tristonha?

— Nem mesmo sei; porém croio que é porque ha oito dias não vejo o meu numero quinze. Tere elle morrido?

Entretanto Lazarina, sem amar ninguem, não dei-

xava de ter suas preferências. Alguns dos numeros agradavam-lhe mais do que outros. E quando ella conversava com ellos tinha sempre em seu labios mais sorrisos, em seus olhos mais expressão.

Entre todos seus preferidos havia um para quem Lazarina mais vezes olhava.

Porque?

Nem ella mesma sabia.

Chamava-se Jorge da Moire, ; era moreo, louro e achava-se alistado no numero oito.

Tinha alguma fortuna, maneiras distinguidas, e um emprego que não lhe tomava muito tempo.

Havia já algum tempo que Jorge ia assistir a todos os especáculos em que Lazarina representava. Numa noite em que a inteligente actriz creou um papel novo com muita malícia e graça, mandou-lhe Jorge um ramalhete, acompanhado de um carta, por elle assinada, falando de seu amor em termos simples e verdadeiros.

Lazarina abriu a carta, leu-a, e guardou o ramalhete.

No dia seguinte nova carta e novo ramalhete. Desta feita trazia a carta, além do nome o endereço de Jorge.

Lazarina leu a carta, chiqueou as flores, mas não respondeu.

De então em diante começaram a actriz a receber diariamente flores e em dias alternados cartas, todas do mesmo Jorge, e todas tão apaixonadas, quanto polidas.

Lazarina lia-as com um singular prazer e muitas vezes não só tornava a lê-las, com elas as esquecia em baixo do seu travesso. Os ramalhetes, esses tinha ella o cuidado de pôr sempre em vasos, que enchia com agua bem fresca. Depois ia para a janela e olhava para a rua, porque lhe parecia que Jorge não podia deixar de passar.

Na peça que então representava, vinha Lazarina para a cena com um pequeno indisponível, em que guardava papeis que lhe serviam para o entreto.

Todas as noites tinha ella o cuidado de por no tal indisponível alguma flor do ramalhete, que Jorge lhe mandava pela manhã.

Algum tempo depois, Jorge, incomodado com o silencio pertinaz da actriz, deixou de escrever-lhe por oito ou dez dias, se bem que continuasse a mandar-lho regularmente os ramalhetes.

O que mais incomodava Lazarina era que nesses oito ou dez dias também não via Jorge nas cadeiras.

{Continua.)

POESIA

Anjo

A...

Se Pante, o titan das epopeias,
A Virgilio pediu-lhe fosse guia
Nas pânamos celestes;
Porque não terás tu, anjo divino
Meu guia e parangonípere, n'esta vida
De solidões agrestas!

E depois, a missão por Deus imposta
Ans ávidos entes, lá do alto
Filhos dilectos seus,
E' na vida guiar os transviados
E ao errar da polpa lira, mostrar-lhes
O caminho dos céus!

E' tudo? Ainda não, e senão véde
Um herói ali, rebento pelas azas
Uma alvo cheirinhim,
Dar à gentil caleca da erompa
Roscos sonhos dorminhos, e encordada
Esperanças seu lim!

Abandonou-a? Não. E' hoje infante
A creança que ainda é a pureza onívora;
Máx — hallucinar;
Palavra divinal, de Deus a bábia
Altar e culto aos coraçôs nascidos
Para soffrir e amar.....

Ob! se das ilusões durasse sempre,
Essa quadra da vida em que os brincos
Resumem a existência;
Nem tu, anjo querido descuras
Aqui, à terra, das tempestades tuas
Te irá e da ciência!

Sublime mistérii. Ei-o manequinho
Descondido talvez do dia exóstimo
En ser e da nôa ser,
S-rai a alus pôr, partido o razo?

Vira a eterno nôte apôs o dia?

Cessar é soffrir?

Ob! não é agora que começam,
Os tremendos embates da existência
Haurida a prato chico,
A duvidá acalor a rai, é tudo,
HAMLET disse: a ultima pala-ra,
Desfaz-se o devaneio!

Mas se ao manequinho a noite do caminho
Alguma vez tolhou o passo incerto,
Raçou o coração....
Velavas tu, emanção divina
Atredando-o do báthismo, e donde-lhe
A tua eburada m.

Bem dito sejas tu meu sol da vida
De Deus frondosa, alva fonte,
E's o puro céu, sempre vento
Que a existência torna appetecida.

Como a lirica que affasta docemente
O turbilhão de nuyens para além;
Um sofrimento é balsamo também
E de tudo que é boni, e grato à mente.

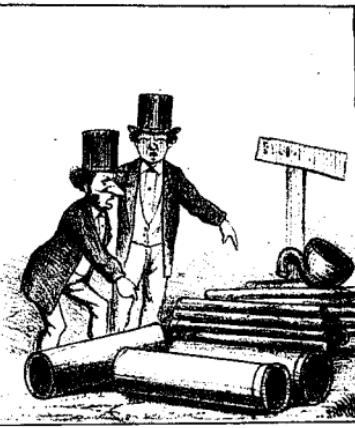
A tudo chega a tua força immensa,
A todos levas vida e alegria,
Tudo an ten mago encanto Alradia
A duvidá destróe, funda a crença!

Pois bem: antes que a tarde d'esta vida
Desça, e mude a teva em vez da luz:
Torna-meus pesada a minka cruz
E o silvado em esauda mais florida.....

Rio, 7 de Julho de 1871.

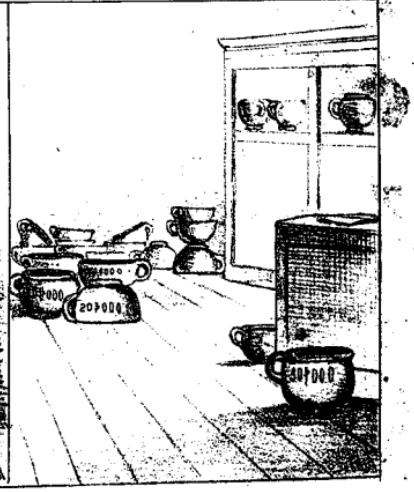
J. P.

Se vingar a questão do ventre livre,



a companhia dos esgotos levará o preço dos tremos,

e substituirá os canos actuais por outros de maiores dimensões.



O Le Roy de Souza tornar-se-á o ídolo dos boticários.

e os negociantes de louça colarão na balcão o preço de cota mercadorias
extraídas das profundezas do Rio Tietê das vinhas.